

Regras e Práticas

Raimundo Mesquita

APÓS TER ESCRITO O TEXTO “O NOME DA PLANTA”, para o Boletim da CAOB (*), notei que havia avançado bem pouco sobre assunto tão extenso, rico e tão importante para nós orquidófilos.

Resolvi, então, que, tão logo tempo e engenho me permitissem, prosseguiria explorando o vasto terreno dos nomes, ou seja, do signo da existência de um membro da família, em suma, porque se chama

assim e não assado...

“Art. 16 - Toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome.”

A regra acima é do novo Código Civil Brasileiro, vigindo desde 11 de janeiro de 2003 e ela ilumina e instrui como deve tratar-se nomenclaturalmente a orquídea, como, de resto, toda e qualquer planta nova que é trazida para o reino vegetal.

Assim como a criança recém nascida que ganha um prenome e por sobrenome o nome da família que, nascendo, passa a integrar, a orquídea recém descoberta deve ter um “prenome” e um “sobrenome” que a distinga das demais plantas constantes da família Orchidaceae (o que, para o ser humano, seria gênero, para os vegetais é família e gênero é o que, entre nós, humanas gentes, é família...).



Laelia purpurata, *Sophranitis purpurata* ou *Hadrolaelia purpurata*?

(*) E sobre que recebi um amigável puxão de orelha do meu querido Oscar V. Sachs Jr., eterno editor e responsável pelo salto de qualidade daquela revista, posto que “minha impaciência” me teria feito publicar antes no Boletim da OrquidaRIO. Não notou o Oscar, porém, que, embora parecidos, os textos tem diferenças e que o que lhe remeti é o original, sendo o outro um socorro urgente contra um buraco de ausência de matéria...



Laelia purpurata,
Sophronitis
purpurata ou *Hadro-*
laelia purpurata?

Aqui, porém, acabam as semelhanças. Salvo circunstâncias muito excepcionais, você traz do nascimento e levará até a morte, o mesmo prenome e o mesmo sobrenome. Já

com planta nada assegura a permanência do nome.

Em algum momento um especialista recebeu uma planta de orquídea que ele, depois de examinar bem, concluiu que é um novo gênero. Vai então descrevê-la, ou seja, dar-lhe um prenome - gênero - e um sobrenome distintivo - que se chama de espécie em botânica. Ele pode ter-se enganado e ter descrito, de novo, uma planta já descrita e nominada (exemplificando: deu à planta o nome de *Cattleya leopoldi*, que, depois, se verifica que já tinha sido descrita como *Cattleya tigrina*). Ou, então, alguém descobre que o espécime que foi descrito como integrante de um gênero, na verdade, deve integrar um outro e assim o belo e sonoro nome que lembra uma das vestais, puras e castas, do imaginário e hagiografia de Roma antiga, *Laelia purpu-*

rata, a que nos habituamos e que incorporamos no nosso vocabulário afetivo, passa a ser outro, *Sophronitis purpurata* ou *Hadrolaelia purpurata*, desde que você aceite a reclassificação de Cassio Van den Berg, a primeira, ou de Vitorino Paiva e Guy Pichon, a segunda.

Mas nada mais variado e imaginativo do que a denominação de orquídeas.

Assim:

Nomes Descritivos

A maneira de denominar mais comum contém tentativa ou propósito de descrever as características principais ou algum aspecto predominante da planta.

Assim, por exemplo, o gênero *Oncidium*, que vem do grego *Ονκος* (caroço, protuberância, nódulo) ganhou, de Schwarz, este nome em razão dos nódulos que existem no labelo da flor e que formam desenhos que são absolutamente diferentes de espécie para espécie e funcionam como a impressão digital da planta. Outro exemplo, *Catasetum*, que também vem do grego e que faz menção, como todo mundo sabe, às antenas voltadas para baixo e que permitem segundo a sua disposição distinguir se masculina, hermafrodita ou feminina a flor.

E por aí vai...

As homenagens ou eu sou orquídeas e premiadas

O uso de nomes próprios para denominar um gênero é também prática muito difundida. Lindley ao descrever a *Cattleya loddigesii* homenageava, a um tempo, William Cattley e Mssrs. Loddiges, em cujas estufas floriu por primeira vez, aí por 1824, essa que tendo sido a primeira catleia a ser descrita se tornou flor tipo do gênero.

É desvanecedor para o homenageado ter o seu nome associado a uma planta que produz uma bela flor, sobretudo quando ela é alvo de premiações. Por isso aproveito a oportunidade para agradecer à casa Florália, Sebastião Nagase e Álvaro Pessoa, que as registrou, por terem dado o meu nome respectivamente aos premiados *Lc.* e *Den.* Raimundo Mesquita, como externo minha gratidão a Lou Menezes por ter descrito o híbrido natural que passou a ter como epíteto o meu epíteto de família *Cattleya* x *mesquitae* que, integrando duas linhagens de flores, *Cattleya walkeriana* e *C. nobilior*, apreciadíssimas no Brasil e pelo mundo afora seguem por aí ganhando prêmios de excelência...

Nomes de fantasia ou promotores de vendas

Dizia o linguista romeno Mathila Ghyka que a adoção de marcas e denominações em língua estrangeira, pelo efeito de distanciamento e mistério que sugerem, despertam o interesse profundo do leitor e ficam mais permanentemente na memória. Os comerciantes e produtores de orquídeas não são alheios a isso. Basta ver a enorme quantidade de plantas feitas, aqui no Brasil, que levam nomes estrangeiros, sobretudo em inglês e não apenas pelo fato de a língua inglesa ser a substituta moderna das línguas imperiais internacionais, como grego e latim.

Obtém-se, com isso, o efeito de distanciamento e magia que ajuda a vender porque o colecionador tem o seu interesse aguçado pelo nome.

Exemplos? De Rolf Altenburg, o fundador da moderna indústria brasileira de produção e comércio de orquídeas: *Potinara* Crimson Glory, nome que não teria o mesmo sabor se se chamasse *Potinara* "Glória Carmesim" ou "Carmesim Glorioso", fazendo destaque para o belíssimo tom de cor



Potinara Twenty Four Carat



Pot. Gold Digger 'Mandarin'

dessa flor.

Nomes Alusivos

Existem nomes que embora com a mesma função comercial de promover vendas aludem, também, para alguma característica da flor, como é o caso de *Potinara* Twenty Four Carat ou *Pot. Gold Digger* 'Mandarin' que, sendo ambas amarelo intenso, levam nomes, no primeiro caso, de ouro de 24 quilates e, no segundo, 'pirata dourado'.

Em outros casos e aproveitando uma notícia de impacto como foi a descoberta de constelações novas, constroi-se uma denominação alusiva, como se a flor tivesse características tais que lembrasse de alguma maneira aquele fenômeno, assim *Den. Alpha Centauri* e *Andromeda*

Nomes eruditos

A denominação também é usada como externamento de cultura, sendo nomes alusivos, por exemplo, à Música: *Bc. Pastoral* que remete à 6ª Sinfonia de Beethoven, *Bc. Turandot*, ópera de Puccini, *C. Adagio*, *Blc. Allegro*, um e outros movimentos de música erudita (nesses nomes ainda há um certo caráter descritivo já que as cores de uma são suaves como num adágio e, da outra, vibrantes como no allegro), *Phal. Arthur Rubinstein*; Artes: *Phal. Art Nouveau* Pintura: *Lc. Delft Blue Kahili* (azul que pretende ser como o conhecido azul de Vermeer de Delft), *C. Mona Lisa*, *Milt. Andy Warhol*, *C. Picasso*. Escultura: *Nefertiti*, *Milt. Aphrodite*. Literatura: *Milt. Alexandre Dumas*, *Bl. Nero Woolf*, *C. Simbad*, etc. Mitologia e História: *Den. Bacchus*, *Cym. Alexander The Great*.



Cattleya Midway, híbrido produzido por Álvaro Pessôa

Nomes interessantes:

A Florália, dos orquidários comerciais brasileiros é o que mais demonstrou fantasia e criatividade nos nomes de suas criações. Bom exemplo é a denominação dada à cruzada especulativa *Bc. Bet or Not*, de R. Altenburg, que, em português, significaria “Aposta ou Não”, em que se percebe um piscar de olhos brincalhão do velho criador que sabia que um cruzamento de *Bc. Pastoral* com *C. loddigesii* só podia dar certo... Sérgio Barani, uma espécie de sucessor de Rolf Altenburg, homenageou seu filho Bruno, com um belo cruzamento, *Bc. Bruno Bruno*, e Álvaro Pessôa registrou um cruzamento de *C. harrisoniana* x *C. loddigesii*, como *C. Midway*, querendo informar que ela floresce no meio do caminho entre a florada da primeira e a flo-



Sophronitis rosea ‘André’, planta que me deu Álvaro Pessôa, para ajudar-me a superar um dos momentos mais doloridos de minha vida, a perda de um neto.

ração da segunda.

No plano internacional, temos, por exemplo, *Blc. African Queen* que nos deixa na dúvida se o nome vem de cor escura da flor (como no *Epi. African King*, feito por outro produtor que não Stewart Inc., que fez a primeiro referida) ou se faz alusão a um belo filme de John Huston com este nome, que era o de uma pequena embarcação, estrelado por Humphrey Bogart e Katherine Hepburn (o registro coincide com a grande voga do filme...).

Outros: *Brs. Arania Verde*, *Dtps. Amigos para Siempre*, *Cym. Absolutely Fabulous*, *Cym. Angelica's Ultimatum* (sendo o caso de perguntar, qual teria sido o ultimato de Angélica?), *Phal. Dame de Coeur* e *Az de Pique*, de Vacheron & Lecoufle. *Cym. Ando-*

rinha, etc.

Notas de Lembrança

É muito comum que o nome cultivar de uma espécie funcione como lembrança e registro da origem daquela espécie. Isto explica certas denominações como *Laelia purpurata*, do 'Poço', 'Do Churrasco', 'Do balde', *Cattleya labiata* 'Ponta Negra', *Alcra*. Adventure in Equador, *Phal*. Argentina, etc.

Existem, também, associações

com momentos particulares da vida e das emoções do cultivador. Quem conheça a coleção de João Paulo de Souza Fontes vai encontrar nomes cultivares como *Cattleya loddigesii* 'Sonho Meu', *Cattleya labiata* 'Reis Magos' (provavelmente porque floriu pela primeira vez no dia 6 de janeiro).

Quem pode saber, senão o colecionador que momento interior determinou a escolha deste ou daquele nome...

Continuamos qualquer dia.



Promeneia stapelioides, planta de minha particular estima, tem, nos meus registros pessoais, o nome cultivar 'Represa Guinle', que me lembra um dos seus habitats.